

Lélia Gonzalez: um legado de interdisciplinaridade na construção de saberes decoloniais

Lélia Gonzalez: A Legacy of Interdisciplinarity in the Construction of Decolonial Knowledges

Lélia Gonzalez: Un legado de interdisciplinarietà en la construcción de saberes decoloniales

Lidiana de Moraes¹  0000-0002-6534-7545

Juliana de Moraes Prata²  0000-0003-3216-3130

¹Vanderbilt University, Nashville, Tennessee, TN, Estados Unidos. 37208 – clacx@vanderbilt.edu

²Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. 20261-005 – cap@uerj.br



A seção temática *Lélia Gonzalez Presente!* surgiu do desejo de pesquisadoras de diversas áreas de prestar homenagem à intelectualidade, ao ativismo e ao legado interdisciplinar de Lélia Gonzalez, uma das mais importantes pensadoras brasileiras do século XX e também um exemplo de trabalho para os movimentos sociais negros e feministas não apenas no Brasil, seu legado indo além das fronteiras geográficas nacionais e também além do tempo. Em 2024, completaram-se 30 anos de seu falecimento (ocorrido no dia 10 de julho de 1994, em decorrência de um infarto, com apenas 59 anos), e, em 2025, celebramos o que seriam seus 90 anos de nascimento, no dia 1º de fevereiro. Essas datas nos convidam a refletir sobre a potência de seu pensamento, que continua a reverberar em diferentes campos do conhecimento e a inspirar lutas por justiça social, equidade e reconhecimento das vozes marginalizadas – reforçando o papel central que o feminismo afro-brasileiro continua tendo na disseminação de discursos que focam o poder coletivo das mulheres em transformar realidades (Sueli CARNEIRO, 2024).

O legado de Lélia Gonzalez e a descolonização do feminismo

O pensamento de Lélia Gonzalez transcende fronteiras geográficas e disciplinares, conectando-se a lutas globais por justiça social. Filha de um ferroviário negro e de uma empregada doméstica indígena, Gonzalez formou-se bacharel em História e Geografia e, posteriormente, em Filosofia, pela Universidade Estadual da Guanabara (atual UERJ), em um período em que o acesso ao ensino superior para mulheres negras era extremamente limitado. Sua trajetória acadêmica, que incluiu mestrado em Comunicação Social e doutorado em Antropologia Política/Social, com foco em gênero e etnia, foi marcada por uma atuação pioneira nos movimentos sociais negros. Durante a ditadura militar brasileira, um período particularmente perigoso para intelectuais e ativistas, Gonzalez desafiou as estruturas patriarcais e racistas ao fundar instituições fundamentais para a luta antirracista e feminista, como o Movimento Negro Unificado (MNU), o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN), o Coletivo de Mulheres Negras NZinga, o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Olodum.

Com a redemocratização do país, nos anos 1980, Gonzalez intensificou sua atuação política, candidatando-se à deputada federal pelo PT, em 1982, e a deputada estadual pelo PDT, em 1986. Além disso, engajou-se na luta contra o Apartheid na África do Sul e na formulação

de políticas públicas para mulheres negras como membro do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM) de 1985 a 1989. Seus conceitos revolucionários, como Amefricanidade, América Ladina e Pretuguês (GONZALEZ, 2018), transformaram como entendemos as relações de raça, gênero e classe no contexto afro-diaspórico, desafiando estruturas coloniais e eurocênticas ao proporem epistemologias que valorizam os saberes e experiências dos povos negros e indígenas (Alex RATTIS; Flávia RIOS, 2010).

Gonzalez tornou-se uma das principais vozes do feminismo interseccional no Brasil, e antecipou debates que só ganhariam forma globalmente anos depois. Em 2020, o legado de Gonzalez inspirou a Latin American Studies Association (LASA) a adotar o tema *América Ladina: Vinculando Mundos y Saberes, Tecendo Esperanças* para sua conferência anual. O evento destacou a importância de reconhecer as contribuições das populações indígenas, afrodescendentes e mestiças na construção social e cultural da América Latina, promovendo um esforço intelectual e político para enfrentar as tendências conservadoras e neoliberais que fragmentam o tecido social da região.

Inspirada nesse mesmo espírito, esta seção especial propõe um espaço interdisciplinar para debater e construir conhecimentos que respondam às necessidades materiais e intelectuais do feminismo contemporâneo. Ao honrar os valores gonzalianos, buscamos promover sociedades mais justas, sustentáveis e decoloniais, fortalecendo laços de solidariedade e ampliando as vozes historicamente marginalizadas.

Amefricanidade e a conexão com a diáspora africana

Através do conceito da Amefricanidade, somos convidadas a pensar as conexões entre as experiências das populações negras e indígenas nas Américas, refletindo sobre a forma como Gonzalez utiliza os termos 'amefricanas/amefricanos' para designar toda uma descendência: não apenas a dos africanos trazidos pelo tráfico negreiro, mas também a daqueles que habitavam as Américas muito antes da chegada dos colonizadores. Essa perspectiva se mostra ainda fundamental para entender a produção literária e cultural de mulheres negras e indígenas, como discutido no artigo "A Amefricanidade como chave de leitura para as literaturas negro-brasileira e indígena de autoria de mulheres", de Mirian Santos.

Santos propõe um diálogo crítico entre as literaturas de autoria feminina negra e indígena, ambas situadas à margem do cânone literário brasileiro. Ao analisar como essas escritoras questionam e deslocam os paradigmas tradicionais da literatura, a autora utiliza o conceito de Amefricanidade como ferramenta político-epistemológica, colocando-o em movimento junto a outras noções, como a 'oralitura' de Leda Martins. Essa abordagem não apenas amplia o olhar sobre a produção literária de mulheres negras e indígenas, mas também reforça a importância de suas vozes na construção de uma epistemologia decolonial e inclusiva.

Além de conectar as experiências das Américas, o conceito de Amefricanidade permite estabelecer diálogos com outras realidades afro-diaspóricas, como a moçambicana, abordada no artigo "Lélia e Paulina: uma conexão libertária de discursos feministas em Brasil e em Moçambique", de Hilma Ribeiro de Mendonça Ferreira. Ao comparar as questões levantadas por Gonzalez com a obra da escritora moçambicana Paulina Chiziane, Ribeiro evidencia as semelhanças nas lutas contra o racismo e o sexismo em contextos distintos. Essa análise reforça a importância de uma perspectiva global e decolonial, demonstrando como o pensamento de Gonzalez transcende fronteiras nacionais e inspira conexões entre diferentes contextos afro-diaspóricos, com destaque para a relevância do conceito de Amefricanidade para a valorização das vozes e experiências das mulheres negras, o que contribui para a construção de um feminismo verdadeiramente global e interseccional (GONZALEZ, 2020).

Pretuguês e a agência político-cultural das mulheres negras

Outro conceito central desenvolvido por Gonzalez é o de Pretuguês, que se refere à linguagem e à cultura afro-brasileira como formas de resistência e afirmação identitária. No artigo "Pretuguês, interseccionalidade e agência político-cultural das mulheres negras no Brasil", Mariana Sales de Abreu retoma esse conceito para discutir o papel central das mulheres negras na formação social brasileira e suas formas de resistência cotidiana, destacando como Gonzalez antecipou, em suas análises, a interseccionalidade entre raça, gênero e classe, e ressaltando a sua contribuição para a compreensão das questões raciais no contexto brasileiro e latino-americano, com ênfase na relevância de seu pensamento para a construção de um feminismo negro contemporâneo.

O Pretuguês também nos convida a refletir sobre a importância da tradução e da circulação de ideias como atos políticos. No artigo "Amefricanidades: sobre uma tradução de Lélia Gonzalez para o espanhol", Andreia dos Santos Menezes, Bruna Macedo de Oliveira Rodrigues, Flávia Regina Dorneles Ramos, Júlia Batista Alves, Larissa Fostinone Locoselli e Mário

René Rodríguez Torres abordam os desafios e as possibilidades de traduzir a obra de Gonzalez para o espanhol, com destaque para a necessidade de resgatar memórias negras apagadas e de incluir mulheres negras nesse processo. As autoras e o autor também analisam termos específicos no espanhol rioplatense, como 'negro/a', 'quilombo' e expressões relacionadas ao trabalho doméstico, demonstrando um aprofundamento teórico e prático relevante para os estudos feministas decoloniais.

Ambos os artigos reforçam a importância do Pretuguês não apenas como uma ferramenta linguística, mas como um instrumento político que contribui para a descolonização do conhecimento e a valorização das vozes afro-latino-americanas. Ao discutir a agência político-cultural das mulheres negras e os desafios da tradução, demonstram como o legado de Lélia Gonzalez continua a inspirar práticas intelectuais e ativistas que buscam ampliar e fortalecer as lutas por justiça social e equidade.

Honrando um legado de coletividade e interseccionalidade

A interseccionalidade, como defendida por Gonzalez, não se limita à análise das opressões, mas também propõe uma prática política coletiva e transformadora. Seu legado continua a nos inspirar a construir movimentos que valorizem a diversidade de experiências e promovam a justiça social para todas as mulheres, especialmente aquelas historicamente marginalizadas. Tal inspiração é vista no artigo "Juventude brasileira e interseccionalidade: Contribuições a partir da Pesquisa Ibero-Americana", no qual as autoras Juliana Prata, Mônica Peregrino e Juliana de Souza Barbosa abordam as trajetórias escolares e laborais de jovens brasileiros pelo viés interseccional, revelando as barreiras enfrentadas por jovens em contextos de vulnerabilidade e também sugerindo políticas públicas mais inclusivas e eficazes, o que demonstra como é possível aplicar o pensamento de Gonzalez a um campo emergente e como sua teoria crítica pode orientar ações concretas para a promoção da equidade e da justiça social.

Com uma proposta semelhante, no artigo "Teoria Social Crítica de Lélia Gonzalez: reflexões para as Ciências da Saúde", de Rosana da Silva Pereira e Amanda dos Santos Pereira, vemos o legado de Gonzalez se estendendo às ciências da saúde. As autoras argumentam que o pensamento de Gonzalez pode contribuir para descolonizar as ciências da saúde, desafiando a hegemonia intelectual branca e masculina por meio do questionamento de paradigmas dominantes, propondo, assim, uma prática médica mais inclusiva e equitativa ao destacar a importância de incorporar perspectivas interseccionais na formação dos profissionais de saúde. O artigo também traz uma contribuição original ao mobilizar os conceitos de Gonzalez para refletir sobre o epistemicídio de intelectuais negros nos currículos acadêmicos, especialmente nas áreas da saúde.

Juntos, esses artigos demonstram a versatilidade e a atualidade do pensamento de Gonzalez, aplicando seus conceitos a campos tão diversos e reforçando a importância da interseccionalidade e da descolonização do conhecimento, de forma a ficar evidente como Gonzalez continua presente ao inspirar práticas intelectuais e políticas que buscam transformar realidades marcadas pela desigualdade e pela exclusão.

Entretanto, a atualidade do pensamento de Gonzalez também nos leva a perguntas desconfortáveis: por que suas obras ainda não são amplamente conhecidas? Por que suas ideias não ocupam o espaço central que merecem nos currículos acadêmicos e na formação profissional? Honrar sua trajetória vai além de reconhecer sua importância; exige que enfrentemos essas lacunas e coloquemos suas reflexões em prática, fazendo delas ferramentas reais para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

Que esta seção temática seja, então, um convite e um instrumento para ampliar esse diálogo, conectando o pensamento de Gonzalez às lutas urgentes do presente e aos desafios que ainda estão por vir – renovando o interesse por sua obra (GONZALEZ, 2024) e consolidando o seu legado intelectual e político.

Referências

- CARNEIRO, Sueli. *Lélia Gonzalez: um retrato*. Rio de Janeiro: Zahar, 2024.
- GONZALEZ, Lélia. *Primavera para as rosas negras*. São Paulo: Filhos da África, 2018.
- GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio Janeiro: Zahar, 2020.
- GONZALEZ, Lélia. *Festas populares no Brasil*. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2024.
- RATTS, Alex; RIOS, Flávia. *Lélia Gonzalez: o feminismo negro no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

Lidiana de Moraes (lidiana.demoraes@vanderbilt.edu; lidianams@gmail.com) é doutora em Estudos Literários, Culturais e Linguísticos pela University of Miami (UMIAMI – Coral Gables – Flórida – EUA). Atualmente, faz pós-doutorado no Centro de Estudos Latino-Americanos, Caribenhos e Latinx (Center for Latin American, Caribbean, and Latinx Studies – CLACX), da Vanderbilt University.

Juliana de Moraes Prata (juliana.prata@uerj.br; julianaprata.prof@gmail.com) é doutora em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Atualmente, é professora adjunta do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – CAP/UERJ e vice-coordenadora do Grupo de estudos e pesquisas Juventude, Escola, Trabalho e Território (JETT).

COMO CITAR ESTE ARTIGO DE ACORDO COM AS NORMAS DA REVISTA

MORAES, Lidiana de; PRATA, Juliana de Moraes. “Lélia Gonzalez: um legado de interdisciplinaridade na construção de saberes decoloniais”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 33, n. 2, e105774, 2025.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

As autoras contribuíram igualmente.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY 4.0 International. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

HISTÓRICO

Recebido em 17/03/2025

Aprovado em 19/03/2025

